Discurso de Posse no Instituto do Ceará

Paulo Ayrton Araújo

O Senhor, em sua excelsa bondade, me tem cumulado ao longo da vida de graças que, de muito, sobrepujam meus possíveis pequenos méritos.

Permitiu-me vir ao mundo neste Brasil, que Roger Bastide intitulou "Terra de Contrastes"; neste país-continente, sempre às voltas com "embaraços sérios, dos quais não sei como nos sairemos", segundo comentário feito por Caxias a Senador Pompeu, em missiva datada de janeiro de 1865, há, portanto, mais de um século, e mencionada pelo saudoso historiador cearense José Aurélio Saraiva Câmara em seu livro *Correspondência do Senador Pompeu;* neste "país do carnaval" de Jorge Amado, do samba, do futebol, da improvisação, do jeitinho tão nosso; neste país jovem, de povo alegre e às vezes irreverente, mas o país onde o viver neste mundo cada vez mais violento e conturbado, ainda se torna um pouco mais agradável, menos monótono e com boa dose de calor humano; neste país que, apesar dos tropeços, caminha para seu verdadeiro destino de grande nação no concerto dos povos livres; neste Ceará querido onde, para Afonso Arinos de Melo Franco, em *Conceito de Civilização Brasileira,* o cearense se constitui uma exceção à regra do desapreço à terra por parte do brasileiro, cearense que "é ainda, paradoxalmente, o mais agarrado à terra natal", como observado por Mozart Soriano Aderaldo no seu discurso de saudação a José Parsifal Barroso, quando de sua posse nesta Casa; nesta "Terra da Luz" que, em 4 anos, se antecipou à "Lei Áurea"; no meu Camocim, no seio de uma família bem organizada, à qual não faltou, sequer, a figura tão querida da mãe preta, hoje inexistente.

Concedeu-me a oportunidade de, em Fortaleza, realizar o então curso secundário, quando inexistia estabelecimento de ensino desse nível em minha cidade e os recursos financeiros da família eram parcos. A educação de seus dois filhos era preocupação constante e precípua de minha mãe, mais que de meu pai, de saudosa memória, sempre voltado às suas lides comerciais.

Proporcionou-me o ensejo de tornar-me oficial do Exército Brasileiro, verdadeira escola de patriotismo e civismo, e a ele poder servir com dedicação por mais de três décadas, inicialmente na Arma de Engenharia e, posteriormente, no Magistério.

Propiciou-me o privilégio de encontrar a mulher de que fala o Eclesiástico em seu capítulo 26, versículos 1 a 5. Ela tem feito minha alegria e derramado paz em minha vida ao longo destes últimos 36 anos. Companheira fiel e dedicada na alegria e, sobretudo, na tristeza, na saúde e, particularmente, na doença.

Deu-me dois excelentes filhos, que hoje já são três, acrescidos que foram de uma bondosa nora, enriquecendo nossa família com três maravilhosos netos. E aqui reverencio a memória de meus estimados sogros, que me tiveram por filho.

Ensejou-me a oportunidade de prestar serviços ao meu Estado na mais nobre área de atuação, no exercício do cargo de Secretário de Educação e, depois, como Membro do Conselho Estadual de Educação.

Concedeu-me, no decorrer dos meus 61 anos de existência, excelentes amigos, dos quais muito me envaideço.

E, como se tudo isto não bastasse, permite-me o Senhor, nesta noite de hoje, adentrar, reverentemente, à Casa do Barão de Studart, presidida por este grande cearense do Cariri, Professor Antônio Martins Filho, a quem todo o Ceará reverencia e agradece pelos relevantes serviços prestados à causa da educação e da cultura. Abriu-me suas portas a generosidade daqueles que compõem seu quadro de sócios titulares, entre os quais devo, com humildade, tomar assento para um convívio que espero longo, cordial, agradável e, para mim, proveitoso pelos ensinamentos que hei de colher de meus pares, expoentes do saber de nossa terra; um convívio fácil, franco e leal, embora nosso querido e sempre lembrado cronista Mílton Dias incluisse entre as cousas mais difíceis da vida o conviver, juntamente com o educar, o julgar e até o saber ser rico. De minha parte, espero não decepcioná-los e tudo farei para dar ao nosso Instituto o máximo do mínimo de que disponho, comprometendo-me, desde já, a participar do esforço conjunto con-

vocado pelo Presidente Martins Filho a fim de preparar nossa Instituição para o advento de seu segundo século de existência, que terá início a 4 de março de 1987.

De formação matemática, nem por isso deixei e deixo de interessar-me pela História, um dos três baluartes desta Instituição estadual onde trabalhava. Ocupando, então, a parte térrea e de nossa gente, cujo guardião maior tem sido o Instituto do Ceará, conseguindo superar todas as dificuldades que se lhe antepõem, mesmo porque, já afirmava Parsifal Barroso, "no Ceará nada persiste em linha de continuidade e de enraizamento e jamais houve clima favorável à tradição". O trabalho, a dedicação, o idealismo, a cultura e a inteligência dos 106 sócios efetivos que me precederam têm assegurado vida a este Sodalício ao longo de quase um século, e a todos eles, vivos ou já falecidos, presto minha sincera homenagem.

Tomei conhecimento da existência do Instituto do Ceará nos idos de 1942 quando, diariamente, ainda muito jovem, passava em sua frente, na minha caminhada diária para a repartição estadual onde trabalhava. Ocupando, então, a parte térrea do prédio onde funcionava a Assembléia Legislativa do Estado, ao lado da Praça General Tibúrcio, seu aspecto sóbrio e as muitas estantes atulhadas de livros chamavam a atenção do transeunte anônimo que, àquela altura, jamais poderia pensar viesse um dia a integrar seu quadro social. O Instituto vagueou por outras sedes antes de chegar à Praça do Carmo e eu, por outras paragens, até fixar residência em Fortaleza, quando, então, dele comecei a me achegar, graças aos muitos amigos que aqui tenho. Mas já nos idos de 1953, ainda residindo no Recife meu caro Albano Amora me transmitia um pouco de seu muito amor por esta Casa e, em 1974, por iniciativa sua e apoio de seus pares, tornei-me "Amigo do Instituto". Ocupações decorrentes do exercício de minhas atividades profissionais nem sempre me permitiram uma maior aproximação em relação ao Instituto, o que somente veio a acontecer na profícua presidência do ilustre General de Exército Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira, cidadão e soldado cuja folha de serviços prestados à Nação merece nosso respeito e admiração.

É com imensa satisfação que ingresso na Casa do Barão de Studart e desta satisfação participam todos os meus entes queridos. Lastimo que minha mãe, pelo seu estado de saúde, já não possa estar presente nesta solenidade. Lamento, também, que meu irmão já não viva entre nós, para compartilhar comigo a grande alegria desta noite. Pena já não encontrar sob este teto dois diletos amigos José Denizard Macedo de Alcân-

tara e José Aurélio Saraiva Câmara, que partiram para a Eternidade quando muito ainda teriam a dar à cultura cearense, ambos bem sucedidos, respectivamente, por Cláudio Martins, querido mestre, cuja amizade, as lides da educação em boa hora me proporcionaram, e Francisco Fernando Saraiva Câmara, estudioso da história eclesiástica do Ceará.

De par com a grande alegria que me vai n'alma, pesa sobre meus ombros a imensa responsabilidade de suceder, neste Sodalício, a José Parsifal Barroso, uma das mais lídimas expressões da inteligência e cultura de nossa terra.

A riqueza das várias facetas da vida exemplar de Parsifal Barroso me levariam, sem dúvida, a extrapolar o tempo que estatutariamente me é concedido. Esta a razão por que preferi pinçar alguns dados mais relevantes de sua brilhante biografia, e determine, ao fim, em algumas observações pessoais.

Filho de professor, tornou-se professor aos 17 anos, em 1930, ingressando neste mesmo ano na nossa Faculdade de Direito, onde viria a colar grau em 1933, sendo o orador de sua turma. O magistério foi a primeira e grande vocação de Parsifal, em cujo exercício realizava-se plenamente. No currículo por ele firmado e apresentado ao Instituto em março do corrente ano, declara como profissão a de "professor universitário".

Exerceu a nobre missão do magistério no Curso de Admissão Domingos Barroso, no antigo e tradicional Colégio Militar do Ceará, no velho e querido Liceu, no centenário Colégio da Imaculada Conceição, nos Colégios Castelo e Cearense, Escola de Comércio Fênix Caixeiral, Instituto São Luís, Ginásio São João, Seminário Provincial de Fortaleza, Faculdade Católica de Filosofia, Escola de Administração do Ceará, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará, todos nesta Capital, e no Centro Universitário de Brasília (CEUB), na Capital Federal. Lecionou com muita proficiência Alemão, Química, Ciências Físicas e Naturais, Teoria do Conhecimento, Filosofia, História das Doutrinas Políticas e Introdução à Sociologia. "Era policrômico o leque de suas aptidões", como disse Mozart Soriano Aderaldo e somente uma inteligência privilegiada e uma cultura humanística muito sólida permitir-lhe-iam assenhorear-se de assuntos tão diversos e variados. Mesmo no exercício do mais elevado cargo de nosso Estado — o de Governador — jamais deixou de ministrar suas aulas na Faculdade Católica de Filosofia, verdadeiro refrigério para sua atribulada vida na condução dos destinos do Ceará. Naquela época, era eu aluno do Curso de Matemática e sempre

o via ombreado aos outros mestres, com a simplicidade e a modéstia que lhe eram peculiares.

Exerceu o cargo de Procurador de 1.ª categoria do antigo IAPC e, em 1936, ingressou na vida pública, como Deputado Estadual Classista, representando a classe dos Professores. Permaneceu em nossa Assembléia Legislativa até 1950, exercendo, com destaque, os mandatos que seus conterrâneos lhe confiaram. Eleito Deputado Federal, ao fim de seu mandato, é guindado ao Senado Federal, quando foi convocado pelo eminente Presidente Juscelino Kubitschek para colaborar com seu governo, exercendo, com muita probidade e eficiência, o cargo de Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio. Sua brilhante trajetória política o levou ao Governo do nosso Ceará e, em seguida, ao exercício incompleto de dois mandatos consecutivos na Câmara Federal, porquanto dela se afastou para ser nomeado Conselheiro do Tribunal de Contas do Distrito Federal, cargo em que se aposentou por força de dispositivo constitucional, ao completar 70 anos de idade, quase todos eles dedicados ao magistério e à vida pública.

Intelectual dos mais destacados, deu a lume *As Teorias de Geber*, tese com que concorreu, em 1930, à cadeira de Química do Liceu do Ceará; *Pedro, Nosso Irmão*, um perfil do nosso primeiro Papa; *O Cearense*, primeira parte de um estudo e pesquisa "sobre o apaixonante e grandioso tema da cearensidade", como ele próprio o qualificou, sendo de lamentar-se que não nos tenha podido legar a segunda parte desse importante trabalho; *Um Francês Cearense*, sobre Achille Boris e *Uma História Política do Ceará — 1889/1954*, seu último livro. Brindou-nos com vários artigos publicados na *Revista do Instituto do Ceará* e na imprensa local, sobretudo em *O Povo* e *Tribuna do Ceará*, sob os títulos "Vivências Políticas" e "Roteiros Políticos", respectivamente.

Suas atividades transcenderam às fronteiras nacionais, chefiando, em 1956, a Delegação Brasileira junto à Conferência Internacional do Trabalho (OIT), em Genebra, e participando, como Delegado do Congresso Nacional, da Assembléia Geral da União Interparlamentar e da Assembléia Geral do Parlamento Latino-Americano, realizadas em Paris e Guatemala, nos anos de 1971 e 1972, respectivamente.

Pelos muitos serviços prestados, Parsifal Barroso tornou-se Grande Oficial da Ordem do Mérito do Paraguai e do Mérito Naval da Espanha, Comendador da Ordem de São Gregório Magno e da Ordem do Mérito Naval do Brasil, Oficial da Ordem de Leopoldo da Bélgica, sendo-lhe concedidas ainda as

Medalhas do Mérito de Brasília, do Mérito Santos Dumont, do Mérito Tamandaré, da Imperatriz Leopoldina, da Abolição, Justiniano de Serpa e do Mérito Policial Militar, as três últimas pelo Governo do Estado do Ceará.

Mas é, sobretudo, a figura humana de Parsifal que mais me leva a admirá-lo. Em fins de 1962, sendo ele Governador, fui instado por um amigo comum a concordar na inclusão de meu nome na lista tríplice a ser submetida à sua apreciação para escolha do Diretor Superintendente da CENORTE, empresa por ele criada para eletrificar a região centro-norte do Estado. Embora não nos conhecêssemos pessoalmente, meu nome foi o escolhido e exerci o cargo durante o restante de seu governo, sem qualquer interferência política, tal como havia solicitado. Somente vim a conhecê-lo quando, ao fim de seu mandato, compareci à sua residência para cumprimentá-lo e agradecer-lhe a confiança em mim depositada.

Um maior relacionamento se deu quando ocupei o cargo de Secretário de Educação do Estado. Nas minhas idas a Brasília ele sempre me honrava com sua visita, ocasião em que abordava assuntos ligados à minha Secretaria e expressava sua preocupação e interesse na solução de problemas educacionais, sem, contudo, jamais haver formulado qualquer pleito de ordem pessoal ou de natureza política.

Homem de profunda fé e sólidas convicções religiosas, foi marido e pai amantíssimo. Franco e leal, transmitia aos que dele se aproximavam a confiança do homem justo e bom, simples e sincero, sem nenhuma vaidade. Tendo exercido tão elevados cargos em sua vida pública com eles não se deslumbrou, como observou Tácito Theophilo.

Assim era Parsifal, tão bem retratado por Djacir Menezes ao prefaciar seu livro *O Cearense*: "seus gestos rasgados, em braçadas que, na rua, para o trânsito nessa espontaneidade sonora de quem tem, acima de tudo, a sinceridade das convicções à flor da pele."

A esta altura, os presentes bem podem avaliar o peso da responsabilidade, a que já me referi, em suceder na Casa do Barão de Studart a um homem da estirpe de José Parsifal Barroso. A lacuna por ele deixada neste Sodalício é de tal ordem que o espaço a ser por mim preenchido passará despercebido diante do imenso vazio que sua ausência representa.

Resta-me agradecer àqueles que firmaram minha indicação para ingressar neste Instituto; à Comissão de Verificação de Merecimento que, em seu parecer, conseguiu enxergar sob a lente de sua boa vontade condições que atendessem aos re-

quisitos exigidos; à Diretoria, que homologou o referido parecer, e a todos que, bondosamente, sufragaram meu nome.

Um agradecimento especial ao meu querido amigo Professor Manoel Albano Amora, homem de cultura, estudioso apaixonado de nossa história e defensor ardoroso de nossas tradições, pelas palavras benevolentes que a meu respeito pronunciou a título de saudação. Somente sua magnanimidade permitiria encontrar em mim tantas qualidades e tanto mérito.

Sou, finalmente, muito agradecido a quantos compareceram a esta significativa solenidade, trazendo-me sua solidariedade e alegrando-me o coração e a alma com suas honrosas presenças.